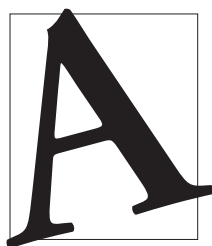


HAROLDO DE CAMPOS é poeta, ensaísta e tradutor. É autor de, entre outros, *Crisantempo* (Perspectiva) e *A Máquina do Mundo Repensada* (Ateliê Editorial).

A peregrinação transamericana do *Guesa* de Sousândrade

HAROLDO DE CAMPOS



revisão mais espetacular do passado literário brasileiro é a que ocorreu no início da década de 60 em torno da figura do poeta maranhense Joaquim

de Sousa Andrade (1832-1902), que adotava o nome literário de Sousândrade, para, com isso, obter uma sonoridade grega e o mesmo número de letras do nome de Shakespeare.

Pertencente, em termos meramente classificatórios, à segunda geração do Romantismo brasileiro (seu primeiro livro, *Harpas Selvagens*, 1857, é anterior às *Primaveras*, 1859, de Casimiro de Abreu), Sousândrade foi marginalizado em seu tem-

po e marginalizado ficou até a publicação da *Re/Visão de Sousaândrade*, em 1964 (1). Silvio Romero (1851-1914), nosso mais importante historiador literário oitocentista (*História da Literatura Brasileira*, 1888) – está para nós como um Gervinus, para a Alemanha; um Lanson, para a França; um De Sanctis, para a Itália – não teve parâmetros para compreendê-lo. Opinou, denotando perplexidade, que se tratava de um poeta irregular, capaz de audácias que o projetavam fora da “toada comum do tempo”, mas de escassa inteligibilidade. As inovações de linguagem do autor do *Guesa*, julgadas pela craveira daquela “toada comum”, pareceram ao crítico falhas quanto à “destreza e à habilidade da forma” (2). Essa opinião prevaleceu, tendo sido, de certa maneira, perfilhada pelo herdeiro contemporâneo de Silvio Romero, Antonio Candido, em sua *Formação da Literatura Brasileira* (1959). Classificando-o entre os românticos *menores* (entre os *maiores*, o crítico incluiu um versejador tão limitado em recursos e tão dessornado pelo sentimentalismo fácil, como Casimiro de Abreu) e assim entre os “poetas secundários”, o autor da *Formação*, ainda que relutante, como antes Silvio Romero, ressalva-lhe a originalidade: “Não sendo melhor poeta, Souza Andrade é por certo mais original do que os outros”; sua poesia parece-lhe “tensa e carregada de energia”, mas irrealizada quanto à forma (“procura em vão a forma adequada”). Dando a “mobilidade no espaço” (a viagem) como central em seu poeitar, vê nela um movimento dramático, porém “apenas esboçado” e, ademais, prejudicado pelo recurso “a certo preciosismo, geralmente do pior efeito, com um pendor para termos difíceis que roça o mau gosto...” (3).

Curioso aqui notar, a modo de parêntesis, que o alegado “preciosismo” sousandradino é manifestação barroquizante, que não encontra, da parte do crítico-histórico-grafo, maior afinidade receptiva. A concepção candidiana da linha evolutiva de nossa literatura é, assumidamente, marcada por uma retomada da visão, desenvolvida em nosso Romantismo, da literatura como expressão do “espírito nacional”, em cor-

relação com a autonomia política (o Brasil independentizou-se de Portugal em 1822) e correspondendo à busca integrativa de uma “língua geral”; dessa linguagem homogeneizadora, que culminaria num “classicismo nacional”, a disrupção barroquista, irreduzível à transparência comunicativa inerente ao padrão estilístico de nosso Romantismo poético, estaria, por definição, excluída (4). Mantendo o cânone tradicional (já consolidado pela crítica oitocentista) dos românticos “maiores” e “menores”, Antonio Candido, sem prejuízo da importância de sua obra histórico-formativa, deixa de resgatar, num livro que pretende amadurar e atualizar, em termos críticos, aquela visão romântica, o mais significativo, em matéria de linguagem e mesmo de concepção poemática, de nossos poetas do período romântico, embora, por isso mesmo, não o mais típico e previsível deles. Após a publicação da *Re/Visão*, isso já começa a ser reconhecido pela historiografia subsequente. Alfredo Bosi assinala em Sousaândrade o seu “espírito originalíssimo”, a sua “assombrosa intuição dos tempos modernos”, a “novidade [...] em relação a toda poesia brasileira do século XIX” dos seus “processos de composição”; Massaud Moisés, por seu turno, opina: “Entrevista em conjunto, notadamente pelo *O Guesa*, a obra de Sousaândrade altera a perspectiva não só do Romantismo como também, na medida em que se reflete nas épocas posteriores, de toda a atividade literária nacional; nenhum exagero haveria em afirmar que estamos perante a voz mais poderosa da poesia romântica e uma das mais altas e vibrantes da Literatura Brasileira: uma história literária marcada pelo lirismo, não raro derramado em pieguice, encontra a mundividência épica que lhe faltava e que lhe oferece a esperada dimensão universalista” (5).

Poema transamericano, regido pelo tema da viagem, *O Guesa* (1868-88) funde, em moldura épico-narrativa, elementos dramáticos (o “Tatuturema” e o “Inferno de Wall Street”, inspirados nas *Noites de Walpurgis* do *Fausto* de Goethe), quadros paisagísticos de viagem, além de frequen-

1 Augusto e Haroldo de Campos, *Re/Visão de Sousaândrade*, colaborações de Luiz Costa Lima e Erich A. de Souza, São Paulo, Invenção, 1964; 2ª edição, revista e ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 1960 [T. 4].

2 Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Garnier, 1888 [T. 2]; 6ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1960 [T. 4].

3 Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira/Momentos Decisivos*, São Paulo, Martins, 1959 [vol. 2]. Candido, embora tenha mantido o texto original de sua apreciação nas sucessivas reedições da *Formação*, não deixou de reconhecer a importância da *Re/Visão*, ao creditar aos poetas do movimento concreto o terem contribuído para “redefinir o passado nacional, permitindo ler de maneira nova a poetas ignorados como Sousa Andrade, precursor perdido entre os românticos do séc. XIX”; cf.: “Literatura y Subdesarrollo”, in C. F. Moreno (org.), *América Latina en su Literatura*, México/Paris, Siglo XXI/Unesco, 1972.

4 Haroldo de Campos, *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o Caso Gregório de Mattos*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

5 Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1970; Massaud Moisés, *História da Literatura Brasileira/Romantismo, Realismo*, São Paulo, Cultrix/Edusp, 1984 [vol. II].

tes excursos biográficos e líricos (6). O herói-peregrinante (à maneira byroniana) é extraído de um mito dos índios muíscas da Colômbia, reportado por Alexander von Humboldt, o notável naturalista alemão que, entre 1799 e 1804, visitou a América Hispânica (a região amazônica, a andina, o México, Cuba) e, afinal, brevemente, os Estados Unidos. Sousândrade deixou-se fascinar pela figura do Guesa, lendo *Vues des Cordillères et Monuments des Peuples Indigènes de l'Amérique* (2 vols., 1810-13), publicado em francês por Humboldt, depois de seu retorno à Europa. Esse livro corresponde, sob o título *Atlas Pittorèsque du Voyage*, aos vols. XV e XVI do *opus magnum Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Alexander de Humboldt et Aimé Bonpland redigé par Alexander de Humboldt* (Paris, 1805-34, 35 vols.) (7).

O excerto humboldtiano, que Sousândrade transcreve no original francês como epígrafe de seu longo poema (XIII Cantos; inacabado), é o seguinte:

“O começo de cada indicação (NB: período de quinze anos do calendário muísca) era marcado por um sacrifício, cujas cerimônias bárbaras, de acordo com o pouco que delas sabemos, parecem todas ter tido relação com idéias astrológicas. A vítima humana era chamada *guesa*, errante, ‘sem casa’, e *quihica*, ‘porta’, porque sua morte anunciava, por assim dizer, a abertura de um novo ciclo de cento e oitenta e cinco luas. Essa denominação lembra o Janus dos Romanos colocado às *portas* do céu, e ao qual Numa dedicou o primeiro mês do ano, *tanquam bicipitis dei mensem* (NB: Macrobius, I, 13, ‘enquanto mês do deus de duas faces’).

O *Guesa* era uma criança arrancada à casa paterna. Deveria, necessariamente, proceder de uma certa povoação situada nos plainos hoje denominados *Llanos de San Juan*, e que se estendem do declive oriental da Cordilheira até às margens do Guaviara. Dessa mesma região do *Oriente* viera *Bochica*, símbolo do *sol*, quando de sua

primeira aparição em meio aos Muíscas. O *Guesa* era educado com muito cuidado no templo do *sol* em Sogamozo até a idade de dez anos: então, faziam-no sair, a fim de percorrer os caminhos seguidos por *Bochica*, à época em que, andando pelos mesmos lugares para instruir o povo, ele os tornara célebres por seus milagres. Com a idade de quinze anos, quando a vítima havia atingido um número de *sunas* (NB: etapas de peregrinação; caminho ritual) igual àquele contido na *indicação* do ciclo muísca, era imolada numa dessas praças circulares, cujo centro era ocupado por uma coluna elevada.

Quando da celebração do sacrifício que marcava a *abertura* de uma nova *indicação*, ou de um ciclo de quinze anos, a vítima, *guesa*, era levada em procissão pelo *suna*, que dava seu nome ao mês lunar. Conduziam-na à coluna que parece ter servido para medir as sombras solsticiais ou equinociais, e as passagens do sol pelo zênite. Os sacerdotes, *xeques*, seguiam a vítima: estavam mascarados como os do Egito. Uns representavam *Bochica*, que é o Osíris e o Mitra de Bogotá, e ao qual se atribuíam três cabeças, uma vez que, à semelhança do *trimurti* dos Hindus, ele enfeixava três pessoas que formavam uma única divindade; outros levavam os emblemas de *Chia*, a mulher de *Bochica*, Ísis ou a lua; outros se revestiam de máscaras semelhantes a rãs, numa alusão ao primeiro signo do ano, *ata*; outros, enfim, representavam o monstro *Fomagatá*, símbolo do mal, figura de um olho, quatro orelhas e uma comprida cauda. Esse *Fomagatá*, cujo nome, em língua *chibcha*, significa *fogo* ou *massa fundida que ferve*, era tido por um espírito mau. Viajava pelo ar, entre Tunja e Sogamozo, e transformava os homens em serpentes, lagartos e tigres. Segundo outras tradições, *Fomagatá* era originalmente um príncipe cruel; para a sucessão de seu irmão, *Tusatua*, *Bochica* o fizera tratar, na noite de suas núpcias, como Urano por Saturno. Ignoramos que constelação levava o nome desse fantasma; mas o sr. Duquesne crê que os índios ligavam a ele a lembrança confusa da aparição de um cometa. Quando a procissão, que recorda

6 Na visão do próprio Sousândrade, seu *O Guesa* nada teria do “dramático, do lírico, ou do épico, mas simplesmente da narrativa” (*Memorabilia*, 1872, incluída na edição nova-iorquina das *Obras Poéticas* do autor, 1874). Trata-se de autodefinição discutível, pois, na prática, ainda que a narrativa de peregrinação (à Byron) predomine, os demais elementos nela se imiscuem, quebrando-lhe a linearidade e provocando uma evidente hibridização de gêneros.

7 As referências bibliográficas que pude pesquisar não são precisas. O exemplar, em dois volumes, que consultei na seção de obras raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, apresenta os seguintes dados: Paris/Chez L. Bourgeois-Maze, Libraire, Quai Voltaire 21, Imprimerie de Smith, 1816. O prefácio é datado de abril de 1913. Quanto ao número total de volumes, ora se fala em 30 ora em 35. Cf. Adolf Meyer-Abich, *Alexander von Humboldt*, Reinbek bei Hamburg, Rowonet, 1992; Paul Kanut Schäfer (Herausg.), *Alexander von Humboldt, Die Wiederentdeckung der Neuen Welt*, Berlin, Verlag der Nation, 1989. Na nova edição analítica, aos cuidados de Hanno Beck, da obra humboldtiana, a relação da viagem às regiões equinociais do Novo Continente constitui o vol. 2 (1997); cf. revista *Humboldt*, nº 76, 1998.

as *procissões astrológicas* dos Chineses e a da festa de Ísis, chegava à extremidade do *suna*, amarrava-se a vítima à coluna a que fizemos menção mais acima: uma nuvem de flechas a cobria e se lhe arrancava o coração para oferecê-lo ao *Rei Sol*, Bochica. O sangue do *guesa* era recolhido em vasos sagrados”.

A homenagem do poeta maranhense ao sábio viajante alemão, cuja narrativa “científica” dos mitos muíscas e das características das civilizações pré-colombianas em geral, especialmente a incaica, serviu-lhe de nutrimento à imaginação (8), como que reitera, pela voz de um brasileiro do equinócio, o tributo de admiração prestado por Goethe ao grande naturalista, no romance *As Afinidades Eletivas* (*Die Wahlverwandschaften*, 1809), no Cap. VII do 2º vol., através da personagem Otília, que anota em seu diário: “Só o naturalista é digno de respeito, pois sabe pintar e representar o que há de mais estranho e mais raro, localizando-o em seu âmbito, com tudo o que lhe é convizinho, sempre no elemento que lhe é mais próprio. Como eu gostaria de ouvir, ainda que por uma única vez somente, as narrações de Humboldt”.

Por outro lado, o sábio de Berlim é nomeado em mais de um momento relevante ao longo do *Guesa*. No Canto II, estrofe 62, é chamado “pai Humboldt” (neste canto, é recordada uma passagem em que o naturalista conta como ele e seu companheiro de viagem, Aimé Bonpland, experimentaram beber pequenas doses de *curare*, sem que o veneno lhes fizesse mal) (9). No Canto X, estrofe 77, na excelsa companhia de Goethe, Dante, Byron e outros, Humboldt é incluído entre os *Amautas* (sábios ou conselheiros no Império Inca), reverenciados agora no *panteon* do novo *Guesa*. Mas, talvez, a mais bela evocação do naturalista-viajante alemão ocorra no Canto XII do poema. Contra o pano de fundo da Cordilheira dos Andes, Sousândrade vê projetar-se a figura veneranda do genial homem de ciências, comparando, então, à brancura da neve andina, os cabelos brancos (“as cãs”) de Humboldt:

“Subamos mais – mais alto, se alevanta
O espírito imortal aos horizontes
Quando o ocidente as rosas abrilhanta
Dos vastos gelos – infinitos montes!
E a procelosa encosta se reveste
Dos saudosos rosais que à tarde
[incendem:
Céus! os Andes qual nossa alma
[celeste,
Mais caia o sol, mais erguem-se e
[resplendem!
Solitária é a glória em fronte adusta,
Cãs d’Humboldt: é bela a luz etérea,
A alma brandida das soidões augustas,
Qual retinindo no cristal da esfera
Sentimentos. E aquela neve existe
Tanto nas solidões da altura andina
Como da altura humana: tu subiste?
Ou morres, ou respiras luz divina!
.....
Que o homem que subiu, comparticipa
Da natureza calma das montanhas,
Incorpora-se nelas, magnífica”.

Essa visão diorâmica do velho Humboldt como uma espécie de nume tutelar andino, talvez remanescente da subida do naturalista e seu companheiro Bonpland ao Chimborazo, até uma altura próxima ao pico, que excedia de 1.100 metros o Mont-Blanc suíço, escalado anteriormente por Saussure, “o mais sábio e intrépido dos viajantes” (10), será tão mais significativa quando se considere que o poeta brasileiro, helenista de formação, começa o seu magno poema não com a tradicional (desde Homero) exortação à Musa, mas com o “espectáculo” grandioso dos Andes a lhe incitar a “imaginação divina”.

“Eia, imaginação divina!
Os Andes.
Vulcânicos elevam cumes calvos,
Circundados de gelos, mudos, alvos,
Nuvens fluando – que espectáculos
[grandes!”
(Canto I, vv.1-4, 1858).

Os versos sousandradinos, aqui reportados, fazem-me pensar em outra singular homenagem de Goethe a Humboldt: uma

8 Outro excerto figura também como epígrafe de *O Guesa*. Sousândrade extraiu-o do artigo sobre a Colômbia da Enciclopédia *l’Univers*. Num mesmo volume dessa obra foram compendiadas a seção sobre o Brasil (por Ferdinand Denis) e a relativa à Colômbia e às Guianas (por C. Famin). Cf. *l’Univers ou Histoire et Description de Tous les Peuples, de leurs religions, mœurs, coutumes, etc.*, Paris, Firmin Didot Frères, Éditions, 1837. Sousândrade, inadvertidamente, atribuiu o texto a Denis, mas foi retificado por este, através de carta de 1875 (reproduzida na edição nova-iorquina, de 1876, do poema); advertiu-o Denis de que o autor do texto citado era o “sábio numismata” C. Famin. Nas resumidas observações sobre o mito muísca, Famin, aliás, outra coisa não faz que abeberar-se nas “savantes recherches de Humboldt”. Será por isso que, ao eliminar o engano na edição londrina de *O Guesa*, o poeta, introduzindo, ao mesmo tempo, o longo excerto do estudioso alemão sobre o sacrifício ritual, frisa que se trata de um relato “científico”, para distingui-lo de um simples resumo de verbete enciclopédico. Sob o título *Brasil*, a contribuição de F. Denis à enciclopédia *l’Univers* foi editada em português em 2 vols., Lisboa, Tip. de L. C. da Cunha, 1844 – (no 2º vol., inclui-se o trabalho de C. Famin sobre a Colômbia e as Guianas).

9 Na “Misión Esmeralda” à margem direita do Orenoco, um índio, “o químico do local”, mostrou aos viajantes Humboldt e Bonpland como extraía o *curare* de uma liana. Os dois, várias vezes, tomaram pequenas quantidades da substância, “de gosto muito prazeroso”, embora amargo. Não há perigo, se não se está sangrando nos lábios ou nas gengivas, observa o naturalista. Os índios usam o *curare* para o abate de animais. Uma galinha morre em dois ou três minutos; um porco em doze. Daí o contraste, na estrofe sousandradina, entre a fleugma de Humboldt e o efeito fulminante do veneno quando penetra no sangue da caça: “- Pai Humboldt o bebia/ Com piedoso sorrir/ = Mas, se ervada taquara/ Dispara,/ Cai tremendo o tapi ... i ... ir !”.

10 Expressões de Humboldt, ao descrever a escalada do Chimborazo, no vol. I de *Vues des Cordillères*.

“paisagem ideal” gravada em cobre (publicada em 1813), em que o grande poeta e desenhista-amador representa graficamente o “quadro da natureza dos países tropicais”, segundo a obra dada à estampa em 1805 por Humboldt, com base em suas observações e medições de cientista-viajante. Louvo-me, para estas considerações, no ensaio de Hanno Beck, “Países Tropicais como um Quadro Natural” (11). Segundo esse estudioso, Humboldt tencionava acrescentar à referida obra, *Tableau Physique des Andes et pays voisins des Régions Equinoxiales* (que constitui a parte anexa, e mais ampla, do seu *Essai sur la Géographie des Plantes*, ambos os textos integrando o vol. XXVII da “Grande Edição” da *Viagem*), desenhos ilustrativos, só posteriormente publicados por razões técnicas. Goethe, a quem o livro fora dedicado pelo amigo cientista sem as referidas ilustrações, resolveu antecipar-se e traçar, por iniciativa própria, um humboldtiano “perfil de uma paisagem ideal”. Beck observa:

“Enquadrado à esquerda e à direita por uma escala explicativa de altitudes, o quadro apresenta algumas coisas divertidas. Embaixo, à direita (NB: onde Goethe situa a região solar, tropical), um crocodilo mostra os seus dentes, na *paisagem simbólica* adentro, e um Humboldt muito pequenino acena do alto, à beira de um abismo do Chimborazo, lá do outro lado, por cima e além dos mundos, saudando Horace-Bénédict de Saussure, o exemplo modelar de pesquisador em montanhas de grande altura, no pico do Mont-Blanc. Saussure, igualmente representado em proporções diminutas, agradece e retribui o aceno”.

Sabe-se da influência das descrições tropicais do cientista-viajor Humboldt sobre os românticos. Chateaubriand, no prefácio ao seu *Voyage en Amérique* (1828), depois de fazer uma síntese retrospectiva das “viagens” como “uma das fontes da história” e um apanhado das “narrativas de viagem” através do tempo (desde as migrações relatadas por Moisés ao périplo homérico de Odisseu), escreve, a propósi-

to das regiões equinociais do Novo Mundo: “*En Amérique, l’illustre Humboldt a tout peint et tout dit*” (12).

Outro dos autores que receberam o mencionado influxo (somado ao de Chateaubriand), foi Ferdinand Denis (1798-1890), estudioso que viveu no Brasil entre 1816-20 e que, na expressão de Soares Amora, terá sido “entre os franceses e, quicá, entre os europeus, o mais importante brasilianista e lusista da primeira metade do séc. XIX” (13). Em 1824, Denis publicou *Scènes de la Nature sous les Tropiques et leur Influence sur la Poésie*, obra na qual segue uma orientação humboldtiana, “descrevendo romanticamente a nossa natureza como fonte de inspiração” (A. Candido). Essa obra, de fato, como também ressalta Soares Amora, traz por epígrafe norteadora uma citação do sábio de Berlim: “*On ne saurait douter que le climat, la configuration du sol, la physionomie des végétaux, l’aspect d’une nature riante ou sauvage n’influent sur le progrès des arts et sur le style que distingue leurs productions*”. Em 1826, Denis deu sequência a seu trabalho de pregação romântica no livro *Résumé de l’Histoire Littéraire du Portugal, Suivi du Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil*.

As concepções do próprio Denis (e assim as de Humboldt, Chateaubriand e outros) inspiraram os jovens brasileiros que, em Paris, em 1836, publicaram a revista *Niterói*, entre os quais se destacava Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-82), autor de *Suspiros Poéticos e Saudades*, impresso em Paris, no mesmo ano, livro geralmente considerado o marco inicial de nosso Romantismo, embora de “pouco valor literário” (Carpeaux) (14). Em seu “Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil”, estampado no primeiro número da revista, trabalhado por um conjunto de influências de época, entre as quais, desde logo, as dos já referidos visitantes europeus das Américas (mas, também, por aquelas que Mme. de Staël, sob a batuta de seu mentor A. W. Schlegel, difundira com ressonância em *De l’Allemagne*, 1813), Magalhães tentou expressar, por assim dizer, a ideologia do Romantismo brasileiro; o jovem poeta extraiu elementos do

11 Revista *Humboldt*, nº 49, 1984.

12 Chateaubriand, *Voyage en Amérique*, 1828, Paris, Jean-Cyrille Godefroy, 1982.

13 Antônio Soares Amora, *O Romantismo* (A Literatura Brasileira, Vol. III), São Paulo, Cultrix, 1977.

14 Otto Maria Carpeaux, *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.

ideário desses autores e os fundiu “medíocre, mas fecundamente, para uso nosso”, na avaliação de A. Candido (15).

Se o indianismo em nossa poesia romântica acabou resultando numa apologética artificiosa e decorativa do “bom selvagem”, nobre e heróico, em Sousândrade a temática indígena tomou inflexão diversa. Em primeiro lugar, a forma de seu longo poema não é afetada pela obsolescência daquela adotada seja por Gonçalves de Magalhães em *A Confederação dos Tamoios* (1856), seja por Gonçalves Dias no inacabado (e superior) *Os Timbiras* (1857), mas é, antes, fruto de uma inovadora mistura de gêneros, sob a tônica da “narrativa de viagem” (ou seja, do que A. Candido denomina “mobilidade no espaço”). Em segundo lugar, o poema não é exclusivamente brasileiro, mas “transamericano” (com um breve interlúdio na África, Canto VII, apenas iniciado). Essa singularidade já se define na eleição do protagonista, o novo *Guesa*, o poeta errante (de certo modo, um contratipo do peregrino à maneira do *Childe Harold* de Byron, aliás, admirado, mas citado com distanciamento irônico, no Canto X, estrofe 79, da Seção “O Inferno de Wall Street”). Já vimos como o tema do *Guesa* procede (via Humboldt) da mitologia dos índios muíscas ou chibchas da Colômbia, em cujo idioma, segundo a *Gramática de la Lengua General del Nuevo Reyno Llamado Mosca*, de Frei Bernardo de Lugo (Madrid, 1619), consultada pelo cientista alemão, *gue* equivale a “casa”, sendo, pois, *guesa* o “sem casa” (condição essa de “desterro” e orfandade com a qual o poeta maranhense se identificava inclusive biogrficamente). Sílvia Romero soube acentuar essa errância, ao escrever em sua *História*: “[...] de nossos poetas é, creio, o único a ocupar-se de assunto colhido nas repúblicas espanholas” e, mesmo sem parâmetros para compreender-lhe “as idéias e a linguagem”, não se furtou a registrar que tinham “outra estrutura”, mostrando-se intrigado o suficiente para recomendar que o extenso poema fosse “lido por inteiro” (16).

O tema sousandradino, porém, não se limita à civilização e ao culto muísca. Nosso

poeta imbrica o motivo do *Guesa* num plano mais geral, que abarca elementos colhidos na crônica da conquista e declínio do Império Inca do Peru. O mediador dessa convergência é, ainda uma vez, Humboldt. Na “Introdução”, datada de 1813, a *Vues des Cordillères*, o cientista deixara exposto:

“Ainda que as tradições não indiquem nenhuma ligação direta entre os povos das duas Américas, sua história não deixa de oferecer relações marcantes nas revoluções políticas e religiosas das quais data a civilização Asteca, a dos Muíscas e a dos Peruanos. Homens barbudos e menos bronzeados que os indígenas de Anahuac, de Cundinamarca e do altiplano de Cuzco surgem, sem que se possa indicar o lugar de seu nascimento. Grandes sacerdotes, amigos da paz e das artes que ela favorece, eles modificam, de pronto, o estado dos povos que os acolhem com veneração. Quetzalcoatl, Bochica e Manco Cápac são os nomes sagrados desses entes misteriosos”.

A esta altura, parece oportuno comparar os trajetos de Sousândrade e de Humboldt.

Sousândrade visitou a região amazônica entre 1858-60. Dessa viagem extraiu elementos para o episódio do “Tatuturema”, salpicado de palavras indígenas (Canto II); antes, entre 1854-56, havia estudado em Paris (da passagem do navio que o conduzia à Europa pela África, deriva o Canto VII, apenas iniciado); em 6/5/1871, parte de Belém do Pará para Nova York, onde reside até 1885 (nessa viagem por mar conheceu o Golfo do México e as Antilhas, deixando suas impressões no Canto IX); em 1885, volta ao Brasil pelo Oceano Pacífico (Cantos XI a XIII), visitando a Colômbia, o Equador, o Peru, o Chile, o Uruguai e a Argentina até a Patagônia (17).

Humboldt (em companhia do botânico francês Aimé Bonpland) começara sua grande peregrinação às Américas em 16/7/1799, vindo de La Coruña, Espanha: aportara na Venezuela, empreendendo uma viagem inicial pela região amazônica do Orenoco até San Carlos no Rio Negro e à fronteira do Brasil; em 19/12/1800, viajara da Venezuela

15 *Formação da Literatura Brasileira* (vol. 2), op. cit. na nota 3. O ensaio de Magalhães está em *Niteroy, Revista Brasileira*, Tomo Primeiro, nº 1, Paris, Dauvin et Fontaine, Libraires, 1836; reedição facsimilar como vol. 9 da Biblioteca da Academia Paulista de Letras, introdução de Plínio Doyle, apresentação crítica de A. S. Amora, São Paulo, 1978.

16 “Ultimamente apareceu, em edição especial, completo, o *Guesa Errante*. Convém ser lido por inteiro”. Aditamento de Sílvia Romero à 2ª ed. (1902-1903) de sua *História* (op. cit. na nota 2). Só com o *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, um novo “herói”, não exclusivamente brasileiro (colhido na mitologia dos taulipang do Roraima, Brasil/Venezuela), surgirá em nossa literatura. Não deixa de ser interessante notar que, no final do *Macunaíma*, o papagaio solitário, que repete a saga da tribo extinta, é inspirado na ave palradora da lenda dos maípures do Orenoco, que pronunciava palavras incompreensíveis, no idioma dos desaparecidos atures, segundo relato de Humboldt.

17 O estabelecimento deste roteiro sumário foi feito com base nos elementos levantados na “Síntese Biográfica” que encerra a *Re/Visão de Sousândrade*, cotejados e harmonizados com os dados apresentados por Frederick G. Williams (*Sousândrade: Vida e Obra*, São Luís, Sioge, 1976).

para Cuba (9 a 30/3/1801) e, em seguida, para Cartagena, Honda, Bogotá e Papayán, na Colômbia; prosseguira, então, para Quito, visitando os vulcões Pichincha e Chimborazo; de 2/10 a 5/12, estada em Lima (Peru) e arredores; em 23/3/1803, por mar, de Callao (Peru), via Guayaquil (Equador), até Acapulco (México); daí, via Taxco, para a cidade do México e, mais tarde, para Vera Cruz, de onde seguiria novamente para Havana, lá permanecendo de 7/3 a 29/4/1804; rumo finalmente, de navio, para Filadélfia, nos EUA, tendo sido hóspede do presidente Jefferson em Washington; em 9/7/1804 embarca de volta à Europa, com destino a Bordeaux.

As viagens sousandradas, deve-se sublinhar, são transpostas para o poema de maneira não cronologicamente ordenada, mas segundo um desenho ficcional-estético, que começa com a descida do poeta dos Andes para o Amazonas até o Oceano Atlântico. Por outro lado, a permanência do maranhense auto-exilado nos EUA não foi breve, como a de Humboldt, mas durou quase três lustros, inspirando o Canto X, onde se situa aquele que será o momento culminante do poema, o episódio do “Inferno de Wall Street”. Em várias etapas, porém, o poeta recorre caminhos já percorridos antes pelo “pai Humboldt”. Seu aproveitamento da mitologia muísca e incaica, bem como de elementos-chave da crônica do Império Inca, é feito de modo disperso, ao longo de todo o poema, concentrando-se porém nos Cantos I, III, VI e XI a XIII. Com esses elementos míticos e históricos, mesclam-se reminiscências biográficas do poeta-peregrino, que se vê como um novo Guesa. É significativo notar que somente em nosso século, com o *Canto General* (1950), do chileno Pablo Neruda, um projeto transamericano analogamente abaricante foi levado a cabo. E. M. Santí define o *Canto General* como “uma enciclopédia (na acepção de Northrop Frye) que reúne múltiplos temas, gêneros e técnicas” e cuja unidade é dada pelo “tema de América”; tratar-se-ia de “uma história marginal da América”, escrita “do ponto de vista dos vencidos”. Sempre segundo Santí, o

poema, “de 15 seções e mais de 15.000 versos”, foi escrito em treze anos (de 1937 a 1950) (18). O *Canto General*, constituído portanto do acúmulo (nem sempre organicamente estruturado), de 213 poemas, cobre vários acidentes e regiões geográficas também celebrados no *Guesa* (como, por exemplo, as vastidões amazônicas, ou – para mencionar apenas esta convergência – a cachoeira Tequendama, descrita tanto por Sousândrade como por Humboldt). Detém-se na crônica dos “Conquistadores” e na celebração dos “Libertadores”, personagens que também figuram no *Guesa*, os primeiros verberados, os segundos exaltados, como em Neruda. Enfoca amplamente as Américas incluindo, como o *Guesa*, a Patagônia e o Estreito de Magalhães (*Canto General*, seção XXIV de “Los Conquistadores”; seção XII – “Patagonia” de *América*, no *invoco tu nombre en vano*).

Seguindo uma tradição que procede de Garcilaso Inca de la Vega, o notável autor mestiço dos *Comentarios Reales* (1ª ed., Lisboa, 1609), e que chegou até o século XIX, Sousândrade vê o Império Incásio como um regime de estrutura modelar, de pendor coletivista, amalgamando-o idealmente com a república utópica de Platão, associando-o às comunidades cristãs primitivas e à “jovem república americana” (os EUA), tal como esta fora concebida originalmente por seus fundadores (“o jovem povo de vanguarda” – Canto X). Assinala-se que Sousândrade, vivendo sob a monarquia de D. Pedro II, não se contava entre os poetas palacianos – Domingos José Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre e o próprio Gonçalves Dias –, os integrantes do “Coro dos Contentes”, por ele satirizados na estrofe 61 do “Inferno” (Canto X). O poeta-peregrino proclamava fervorosamente suas convicções republicanas, contrárias à tirania e ao clericalismo. Hipostasando-se na *persona* do novo Guesa, ele, ainda que sentindo-se incompreendido, não se comporta como um *maudit* do tipo ensimesmado e solipsista (embora deplore seus infortúnios ao longo do poema) (19). Antes, como está expresso na *Re/Visão*, “Sousândrade transfere seu inconformismo

18 Enrico Mario Santí, “Introdução” à edição, a seus cuidados, do *Canto General*, de Pablo Neruda (Madrid, Ediciones Cátedra, 1990).

19 O poeta sofria com a sua marginalização literária. “Ouvi dizer já por duas vezes que ‘o *Guesa Errante* será lido cinquenta anos depois’; entristeci – decepção de quem escreve cinquenta anos antes”. Sousândrade, *Memorabilia* incluída na edição novoriquina do *Guesa*, 1877. Na realidade, se considerarmos a data da *Re/Visão*, a incompreensão que amargurava o poeta durou 87 anos, excedendo, de muito, a sua previsão pessimista.

20 E. R. Monegal, *Neruda: el Viajero Inmóvil*, Caracas, Monte Ávila, 1977.

21 Martin Lienhard, "Los Comienzos de la literatura 'latinoamericana': Monólogos y Diálogos.../ las literaturas Alternativas", in Ana Pizarro (org.), *América Latina: Palabra, Literatura e Cultura* (vol. 1 – *A Situação Colonial*), São Paulo, Fundação Memorial da América Latina/Editora da Unicamp, 1993. Trata-se, em particular, de Juan de Betanzos e Pedro de Cieza de León, cronistas que escreveram sobre o Incanato antes de Garcilaso, cuja obra, no entanto, foi a mala propulsora do mito da excelência do sistema governamental incaico, conhecendo várias edições em francês nos séculos XVII e XVIII. Cf. Alfred Métraux, *Los Incas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1993 (1ª ed. francesa, 1961). Dos *Comentarios Reales de los Incas* (Lisboa, 1609), consulte a edição organizada por Carlos Ambar, em 2 vols. (México, Fondo de Cultura Económica, 1991). Ver, ainda, na obra coletiva acima citada, a contribuição de Fernando Aínsa, "La Utopía Empírica del Cristianismo Social (1513-1577)".

22 Alfred Métraux [op. cit. na nota supral] refere: "Os autores do século XVIII creiam na perfeição do Estado Inca, uns porque o supunham comunista e outros porque estaria submetido a um despotismo ilustrado". H. Cunow, em *La Organización Social del Imperio Inca*, trabalho vertido para o espanhol a partir do alemão, e que completa outro, datado de 1890 (Lima, Peru), Librería y Editorial Peruana de Domingo Miranda (Biblioteca de Antropología Peruana dirigida por J. A. Encinas, 1993), escreve: "Até hoje, acreditou-se que a organização social do império dos Incas foi um raro e único produto na história da humanidade [...]. A lenda de que sábios incas imperadores criaram, num abrir e fechar de olhos, uma cultura especial [...], uma 'monarquia socialista', onde as idéias comunistas de Campavella, Vailasse e Fourier se teriam realizado, não passa de pura fantasia. O que há de comunismo nas instituições do Império Inca é aquele comunismo agrário, que existiu em certo grau de desenvolvimento em todos os povos civilizados, como produto natural da organização das comunidades gentílicas [...]. Este trabalho não se dispôs a seguir a Garcilaso de la Vega e aos que com ele comungam".

para uma cosmovisão reformadora, como perspectiva de uma nova civilização americana". Ao invés do isolamento e da marginalidade, "ele na tempestade s'envolvía/Social", fazendo assim "o corpo de delito/ do seu tempo" (Canto X). Condenava as formas de opressão e de exploração, a crueldade da conquista e celebrava os libertadores das Américas (Bolívar, Páez, O'Higgins, Lincoln, etc.). Neruda, dentro de uma concepção marxista de esquematismo quase didático, faz algo de similar, deixando de ressaltar, em benefício do maior contraste dos opostos, o "feudalismo pré-hispânico, exercido duramente pelos astecas no México e pelos incas no Peru" (Santí, citando Emir Rodríguez Monegal) (20). Como, em Sousândrade, o que parece tomar o proscênio é a finalidade social utópica, com vistas a um resgate do futuro. Assim, em "Las Agonías" (CG, XIV), Neruda retrata (e verbera) os sofrimentos infligidos ao inca Atahualpa por Pizarro, acolitado pelo fanático Pe. Valverde.

De fato os relatos dos "cronistas" que recolhem as "tradições dinásticas" de Tauantinsuyu, desde meados do século XVI, são "narrações utópicas", segundo as quais "o Estado Incaico se caracteriza por uma organização social perfeita e racional, propiciadora da realização de obras quase sobre-humanas ou propriamente maravilhosas" (21). A essa idealização se juntava a visão milenarista do estado socialista-cristão (tal como o intentaram criar, posteriormente, os jesuítas no Paraguai) com tinturas de cristianismo-primitivo e reminiscências de Platão e Thomas Morus (cuja *Utopia*, publicada em 1516, antecipa dez anos o processo de conquista do Império Incásio, iniciado com a associação de Pizarro, Almagro e Diego de Luque para descobrir o Peru, em 1526). Como epitomiza A. Métraux: "O mito do grande Estado socialista dos incas provém de uma concepção bastante sumária de suas instituições [...]. O sistema econômico e social dos incas, descrito por Garcilaso de La Vega em seus *Comentarios Reales* e por todos os que nele se inspiraram, é de uma formosa e evidente simplicidade" (22). É verdade que

a defesa, ainda que idealizada, da dignidade incaica resultou, por um lado, do menosprezo do espanhol pelos indígenas, tachados de incultos e bárbaros, vistos como gente inferior (23); por outro, diante dos desmandos e das atrocidades perpetrados pela "nova ordem" introduzida pelos "conquistadores" (inclusive pelos sacerdotes incumbidos da "conquista espiritual" dos vencidos), a "velha ordem" acabou parecendo mais justa e humana, a tal ponto que "a época do despotismo dos incas passou a converter-se numa idade de ouro" (24).

É assim que tanto Sousândrade no Oitocentos, no quadro de nossa geração romântica, quanto Neruda, na segunda metade do século XX, confluem, concordes, na celebração epicédica da tragédia do inca e da queda de seu "áureo" império pré-colombiano.

Se, no concernente à República Coletivista Incaica, Sousândrade se deixa levar pelo impulso idealizador que atravessou o século XVIII, mantendo-se, ainda que controvertidamente, no século XIX e sobrevivendo mesmo nas primeiras décadas do século XX (o *Empire Socialiste des Incas*, por Louis Baudin, do Instituto de Etnologia de Paris, sai em 1928), isto não ocorre com respeito à situação dos selvagens brasileiros, sublimados por nossos "indianistas canônicos", segundo as regras da cavalaria européia, que, no século XVI, sobrepuseram-se, em Portugal, à imagem do navegador-cruzado, moldando-a e amoldando-se a ela (25). O gume crítico-satírico do poeta maranhense é capaz de praticar um "indianismo às avessas", surpreendendo o índio decadente da região amazônica numa dança-pandemônio reminescente da *Walpurgisnacht* romântica do *Primeiro Fausto*, em promiscuidade orgiástica com corruptos exploradores brancos e missionários pervertidos, tudo sob o signo de Jurupari, visto pela ótica cristã-missionária de demônio, espírito do mal ("Tatuturama", Canto II); no Inferno do Canto X, correspondente à Farsália Clássica do *Segundo Fausto*, é o vórtice desregrado do capitalismo em ascensão, na Bolsa de Nova York dominada por Mamonas, o deus da especu-

lação, nos fraudulentos “anos de ouro” da história norte-americana (de 1870 a 1884) (26), que recebe a crítica mordaz e surpreendentemente premonitória de Sousândrade – a corrupção gangrenando as instituições republicanas: “*Corrupted free men are the worst of slaves*”, sintetiza o poeta, exclamando:

“Oh! como é triste da moral primeira,
Da República ao seio a corrupção!
Ao seio da pureza – se dissera –
(De Cristo o corpo em decomposição”
(C. X).

Com seu rigor de sábio enciclopédico, capaz de unir a fruição estética da natureza à meticulosidade da observação racional (o “azul” dos céus andinos o tocava, como a um poeta romântico; ao mesmo tempo, como herdeiro da Ilustração, preocupava-se em mensurar-lhe metodicamente as gradações de “intensidade” com um aparelho especialmente desenhado para esse fim, o “cianômetro”) (27). Humboldt dedicou-se, durante sua viagem, ao estudo histórico dos monumentos pré-colombianos, podendo, mesmo, ser considerado o “fundador científico da antropologia mexicana” (J. Labastida); por outro lado, não descurou de enfronhar-se na estrutura dos idiomas nativos, reconhecendo no quéchua (o idioma do Incanato), “uma língua tão rica em finos e multivariados torneios, que os jovens, para expressar doçuras agradáveis às damas, quando esgotavam todo o tesouro do castelhano, começavam em geral a falar ‘inca’”, fato que, somado a alguns outros semelhantes, “bastaria para alertar que a América outrora possuía uma cultura bem mais alta do que aquela que os espanhóis em 1492 aí encontraram” (carta de Humboldt ao irmão, do ano 1802). O sábio de Berlim não se deixara, porém, iludir quanto à verdadeira natureza da organização incaica:

“O Império dos Incas semelhante um grande estabelecimento monástico, no qual estava prescrito, a cada membro da congregação, o que ele deveria fazer para o bem comum. Havia um bem-estar (*aisance*)

geral e pouca felicidade privada; mais resignação aos decretos do soberano que amor pela pátria [...]. A teocracia peruana era menos opressiva, sem dúvida, que o governo dos reis mexicanos, mas aquela e este contribuíram para dar aos monumentos, ao culto e à mitologia dos dois povos montanhese esse aspecto melancólico e tristonho que contrasta com as artes e as doces ficções dos povos da Grécia” (“Introdução” a *Vues des Cordillères*, Paris, abril de 1813).

Mas é o Humboldt iluminista, antiescravista (28), admirador da Revolução Francesa, cultor da liberdade e da igualdade, simpatizante do modelo republicano norte-americano como paradigma para as colônias da América Espanhola em vias de libertação, quem, por outro lado, seduz os espíritos rebelionários do Novo Continente. Jefferson, presidente culto e voltado para as ciências, torna-se amigo do sábio alemão e com ele se corresponde sobre a questão, augurando quanto aos revolucionários novo-hispânicos: “Afigura-se-me que adotarão as linhas gerais de nossa federação e de nosso governo representativo, que abolirão as distinções de classe, que farão com que se dobrem seus eclesiásticos que persistam na intolerância...” (14/4/1811).

A resposta a essa carta passa pela constatação amarga (e ainda hoje válida em termos não apenas circunscritos ao México, mas extensivos à Ibero-América como um todo), registrada no *Essai Politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne* (Paris, 1807-11 – 1ª ed. norte-americana, 1811):

“O México é o país da desigualdade. Em nenhuma parte existe uma desigualdade mais espantosa na distribuição da fortuna, da civilização, do cultivo da terra e da população. [...] Um governo ilustrado em seus verdadeiros interesses poderá propagar as luzes e a instrução, e conseguirá aumentar o bem-estar físico dos colonos, fazendo desaparecer, pouco a pouco, essa monstruosa desigualdade dos direitos e das fortunas [...]. O bem-estar dos brancos está estreitamente ligado ao da raça acobreada, e não pode haver felicidade duradoura, nas duas

23 George Robert Coulthard, “La Pluralidad Cultural/Aportes Culturales Indígenas”, César Fernández Moreno (org.), *América Latina en su Literatura*, op. cit. na nota 3.

24 Cito uma observação de A. Métraux [op. cit. na nota 21]. Garcilaso se reporta a seu predecessor, Cieza de León, para fazer o elogio da arte de governar dos incas: “*Hicieron tan grandes cosas y tuvieron tan buena gobernación que pocos en el mundo les hicieron ventaja*” (Comentarios, Libro Segundo, Cap. XXVIII); por outro lado, pondera: “... los reyes Incas y sus amautas [que eran los filósofos] rastrearon con lumbré natural al verdadero sumo Dios y Señor nuestro que crió el cielo y la tierra [...] al cual llamaron Pachacámac [...] hacedor de todas las cosas” (idem, ibidem, Cap. III).

25 “Anacronismo na Europa burguesa de quinhentos, a cavalaria era ainda uma força viva e atuante no Portugal renascentista.” Usando de uma expressão de Massaud Moisés, Francisco Ferreira de Lima (O Outro Livro das Maravilhas – A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, Rio de Janeiro, Relume/Dumará, 1998), de quem extraí a citação acima, falo de uma “cavalaria do mar”.

26 Cf. “Crisis of the Gilded Age: 1873” e “Grant’s Last Panic: 1884”, in Robert Sobel, *Panic on Wall Street (A History of America’s Financial Disasters)*, New York, Collier Books, Macmillan Co., 1972. Ver, ainda, “O Inferno Financeiro: Sousândrade e Pound”, in *Re/Visão*, op. cit. na nota 1; “O Inferno de Wall Street: Poinel duma Época”, in Frederick G. Williams, op. cit. na nota 17.

27 “...en Humboldt se unían, de modo indisoluble, las observaciones cuantitativas y las cualitativas: llevó consigo, a lo largo del viaje, un cianómetro, diseñado por Paul, en Ginebra, por medio del cual midió la intensidad del azul del cielo...” (Jaime Labastida, *Humboldt, ese Desconocido*, México, SEP/Diana, 1975).

28 “L’esclavage est sans doute le plus grand de tous les maux qui ont affligé l’humanité”, escreve Humboldt. No seu *Essai Politique sur l’île de Cuba* (Paris, Gide et fils, 1826), o cientista alemão condena o tráfico de escravos africanos nas Antilhas, no sul dos Estados Unidos e também no Brasil, louvando a sabedoria da legislação das novas repúblicas da América hispânica, por se ocupar da “extinção total da escravidão”.

Américas, até que essa raça humilhada (a indígena), porém não aviltada, por uma longa opressão, venha a participar de todas as vantagens derivadas dos progressos da civilização e do aperfeiçoamento da ordem social” (29).

Para um poeta-visionário como o brasileiro Sousândrade, para quem a paradigmática República representativa fundada pelo “jovem povo de vanguarda” se havia conseguido libertar dos “tormentos”, “Dessa trindade negra – dos escravos, / A religião e os reis” (C. X), o ideário humanista-ilustrado de Humboldt, avivado pelas reivindicações da Revolução Francesa, colorido, ademais, de exaltação romântica, já se constituía (independentemente de qualquer influência mais diretamente rastreável), na segunda metade do século XIX, numa plataforma de reivindicações óbvias, integradas no plexo das mais generosas e urgentes aspirações do tempo, sobretudo se considerarmos que a penúltima edição do *Guesa* (a nova-iorquina de 1877; há, posteriormente, uma londrina, mais completa, sem data), publicou-se mais de uma década antes da abolição da escravatura (1888) e da implantação da República (1889) no Brasil duradouramente monárquico e persistentemente escravista.

Se nas partes satírico-críticas do poema (as seções infernais) predomina uma dicção mordaz e lúdica que tem precedentes no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende, estoura, destabocada, na lira maledicente do barroco Gregório de Matos e se faz acompanhar, em pleno Romantismo, de surtos que caracterizam alguns de seus melhores momentos (“A Orgia dos Duendes”, de Bernardo Guimarães; “A Bodarrada”, de Luiz Gama), já nas longas partes descritivas do *Guesa* predomina a visualidade imagética, a linguagem metafórica, plástica, rica de cultismos léxicos e sintáticos (o “preciosismo” rejeitado por A. Candido em nome, tudo indica, da simplicidade romântica).

Nesses momentos, a força pictural de Sousândrade se afina (aqui por uma questão de gosto, não necessariamente de influên-

cia) com a propensão de Humboldt por entremear “quadros da natureza” (*Ansichten der Natur*) em seus relatos científicos de viagem, em passagens onde o estilo, “ao impulso, do sentimento e da fantasia”, deixa-se inclinar sem esforço para uma “prosa poética” (*dichterische Prosa*). Veja-se, por exemplo, esta descrição da cachoeira de Tequendama (resultante, segundo a lenda muísca reportada por Humboldt, de uma intervenção miraculosa de Bochica):

“Os viajantes que viram de perto o sítio imponente da grande cascata de Tequendama não se surpreenderão de que povos primitivos tenham atribuído uma origem milagrosa a esses rochedos que parecem ter sido talhados por mão humana; a esse vórtice estreito no qual se precipita um rio que reúne todas as águas do vale de Bogotá; a esses íris que brilham com as mais belas cores, mudando de forma a cada instante; a essa coluna de vapores que se eleva como uma nuvem espessa, e que se deixa reconhecer a cinco léguas de distância por aquele que passeia nos arredores da cidade de Santa-Fé” (Humboldt, *Vues des Cordillères*).

“...E Huytaca, a feiticeira
Que iluminando as noites vai, lançada
Fora da terra sua – quão fagueira
Depois de ser do amante abandonada!

E dela alembra a queda a onda que salta
Cima a cima; retroa Tequendama,
E qual das nuvens através se esmalta
Íris, por entre montes se derrama”
(Sousândrade, Canto epílogo, versos finais).

O poeta – repare-se – glosa a lenda narrada por Humboldt da companheira de Bochica, a bela e maligna Huytaca, que provoca uma enchente do Rio Funza no vale de Bogotá; Bochica (princípio solar do bem) fende as rochas e dá vazão às águas reprimidas, vertendo-as através da referida cachoeira. Expulsa, então, a feiticeira Huytaca e a transforma na lua (princípio do mal). Neruda (*CG I*, seção IV – “Los Ríos Acuden”) dá também sua visão metafórica

29 Consulte, a respeito: Juan A. Ortega y Medina, *Humboldt desde México*, México, Unam, 1960; José Miranda, *Humboldt y México*, México, Instituto de História/Unam, 1962.

do salto de 145 metros de altitude:

*“Tequendama, recuerdas
tu solitario paso en las alturas
sin testimonia, hilo
de soledades, voluntad delgada,
línea celeste, flecha de platino,
recuerdas paso a paso
abriendo muros de oro
hasta caer del cielo en el teatro
aterrador de la piedra vacía?”*

Considere-se, ainda, este quadro das alturas andinas. Humboldt:

“A forma do Cotopáxi é a mais bela e a mais regular de todas aquelas que os cimos colossais dos Andes apresentam. É um cone perfeito que, revestido de uma enorme camada de neve, brilha com um esplendor ofuscante ao pôr-do-sol, e se destaca de um modo pitoresco da abóbada azul do céu. Esse invólucro de neve furta à vista do observador as imperfeições do solo, até as menores: nenhuma ponta de rocha, massa pedregosa alguma transpassa esses gelos eternos, interrompendo a regularidade do cone”.

Sousândrade (Canto X):

“Titã o celerado – Cotopáxi
Lã das nuvens se eleva alevantado
.....
E ondam montanhas, trovoar de crebros
Montes, abarrancando o ândeo destroços,
Desde o azul mar ao céu azul – vertebros
Sobrepostos do mundo e mundo dorso –
Cordilheira eternal! eternos, grandes
Altars! – alva transparente névoa!
Há no assombroso pélago dos Andes
Íris estranho; e um qual-poder, sem trégua
Avultando no espaço – as aniladas
Diáfanas soidões do nimbo andino,
Onde sua alma habitará, sagradas
Formas do Éter!...
.....
Quem andou por aqui foi Manco-Cápac,
Que um reino meigo paraisal fundara”.

Dentro de uma concepção contrastiva, pode-se dizer que o *Guesa*, reproduzindo a

topografia dantesca de maneira não escalonada, mas disseminada, deixa-se penetrar por momentos “epifânicos” (as “visões d’íris”) e momentos “antiepifânicos” (os repentinos “infernais”, concentrados nos Cantos II e X, mas frequentemente dispersos ao longo do poema). Essa insistência emblemática na imagem cambiante e multicolorida do íris parece ser uma reminiscência do Paraíso dantesco (XXXIII, 115-20): “*Nella profonda e chiara sussistenza/ dell’alto lume parvermi tre giril/ di tre colori e d’una contenenza;/ e l’un dall’altro come iri da iri/ pareo riflesso, e l’terzo pareo foco/ che quinci e quindi igualmente si spiri*”. Evoca também o verso goethiano: “Semprecambiante o arco-íris se recurva” (*Wölbt sich des bunten Bogens Wechseldauer*), do *Segundo Fausto*, Ato I, Prólogo, v. 4722 (30).

Nas culminâncias da cordilheira, a natureza parece sublimar-se aos olhos do poeta Guesa-errante, que entrevê o “Espírito Eterno”, o “Uno-Infinito”, nos “Andes, que alto avultam/ Dentro dos céus, em névoas transparentes”; que, num “diamante/ De luz branca...”, num “terreno cristal”, pode vislumbrar: “O processo moral da natureza./ Incolores princípios, a existência/ Absoluta da aquém e além beleza”. Pois, sempre à maneira de Dante, o poeta, capaz de enxergar a luz na luz, discerne o “Uno-Deus”/ “Uno-Infinito” – o Eterno, no âmago telúrico do mineral radioso:

“Oh! o Diamante! que, de ser tão puro,
Foi chama e o mesmo Eterno! – Se o
[contemplo,
Nem do fulgor distingo o que é fulguro! ”
(C. X).

Haverá, também aí, senão a influência, pelo menos o acercamento (por afinidade sensível) da concepção “holística” do Cosmos (31), que constitui a linha-mestra e o fecho-da-abóbada da monumental obra humboldtiana – aquela *Synthese von physischer und moralischer Natur*, que tanto fascinou o naturalista filósofo alemão?

30 O arco-íris, para os múscas, representava o deus Cuchavira: “o ar resplandecente, ou como melhor interpretam outros, o arco do céu”, segundo Fray Pedro Simón, em *Noticias Historiales de la Conquista de Tierra Firme en las Indias Occidentales*, obra escrita nos fins do século XVI. Seus “arcos concêntricos de várias cores coroaram o Salto de Tequendama, quando Bochica, com sua vara mágica, ajudou a resolver o problema da inundação da Savana de Bogotá”, acrescenta Javier Ocampo Lopez (*Mitos Colombianos*, Bogotá, El Áncora Editores, 1988).

31 *Kosmos. Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*, Stuttgart, Cotta, 1845-62; *Cosmos: A Sketch of a Physical Description of the Universe*, translated by E. C. Otté, N. York/London, Harper & Brothers Publishers, s/data, 2 vols. (vols. IV do original alemão). Seria possível reconhecer no *Cosmos* a influência de Schelling, para quem: “A Natureza deve ser o Espírito visível (*der sichtbare Geist*); o Espírito, a Natureza invisível (*die unsichtbare Natur*); cf. Adolf Meyer-Abich, op. cit. na nota 7. Para o filósofo do *Sistema do Idealismo Transcendental*, o *All-Ein*, o *Todo-Uno*, é a expressão do absoluto como “Identidade da Identidade”; cf. Gerd A. Borheim, *Aspectos Filosóficos do Romantismo*, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1959. A expressão “holística”, para caracterizar a *Naturlehre* de Schelling, assim como a filosofia da natureza que perpassa a concepção humboldtiana de *Cosmos*, foi utilizada por Adolf Meyer-Abido (*Nachwort*, Alexander v. Humboldt, *Ansichten der Natur* [1808], Stuttgart, Reclam, 1969).